





História Ambiental e Comunidades Rurais: interfaces entre vivências humanas e territorialidades na Comunidade Chico Gomes, Crato (Ceará, BR)

Environmental History and Rural Commodities: interfaces between human experiences and territorialities in the Chico Gomes Community, Crato (Ceará, BR)

Rúbia Micheline Moreira Cavalcanti
Universidade Regional do Cariri, Ceará, Brasil
rubiammc@urca.br

 <https://orcid.org/0009-0001-0022-7825>

Iranilson Buriti de Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba,
Brasil
iburiti@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0001-8176-6670>

Cita Sugerida: Cavalcanti, R. M. M. y Oliveira, I. B. (2025). História Ambiental e Comunidades Rurais: interfaces entre vivências humanas e territorialidades na Comunidade Chico Gomes, Crato (Ceará, BR). *Anuario del Instituto de Historia Argentina*, 25(1), e230. <https://doi.org/10.24215/2314257Xe230>

Recepción: 5 Marzo 2024

Aprobación: 9 Junio 2024

Publicación: 1 Mayo 2025

Resumo:

Neste artigo, objetiva-se analisar o espaço da Comunidade Chico Gomes (Crato-Ceará-BR), observando como as territorialidades e identidades daquela comunidade são construídas por seus moradores. Para tanto, utiliza-se como fontes documentais os projetos desenvolvidos pela Cáritas Diocesana de Crato, junto à Comunidade Chico Gomes, a citar: Projeto Solaris, Meizinheiras do Pé de Serra e Projeto Bioágua, bem como entrevistas realizadas por meio da História Oral. A partir da aplicabilidade desses projetos, analisa-se como eles foram apropriados e utilizados pelos moradores da Comunidade Chico Gomes, procurando compreender como eles serviram de canais de transformações tanto nas práticas quanto nos usos sociais destes. No artigo, procura-se observar o engajamento dos moradores da Comunidade Chico Gomes em relação à natureza, ao território, à memória e às experiências que envolvem a cultura e a saúde dos habitantes da comunidade. Busca-se, a partir de uma incursão no campo da História Ambiental, compreender os sentidos produzidos a partir da relação que envolve os atores sociais onde está inserido o espaço que abriga a Comunidade Chico Gomes. Em termos metodológicos, o estudo baseou-se na História Oral Temática responsável por ocupar a centralidade do percurso, para compreensão dos relatos dos moradores e líderes da Comunidade Chico Gomes, suas vivências e interpretações sobre o cotidiano do lugar, sustentando-se no aporte teórico de Delgado (2006). Faz-se uso de entrevistas, buscando-se sistematizá-las por meio da metodologia da História Oral. Essas entrevistas traduzem o cotidiano e as experiências dos moradores da Comunidade Chico Gomes, bem como procuram dar visibilidade à experiência de alguns moradores e sua relação com os Projetos.

Palavras-Chave: Comunidade Chico Gomes, Projetos Cáritas Diocesana de Crato, Comunidade Tradicional

Abstract:

In this article, the aim is to analyze the space of the Chico Gomes Community (Crato-Ceará-Brazil), observing how the territorialities and identities of that community are constructed by its residents. For this purpose, the documentary sources used include projects developed by the Cáritas Diocesana of Crato in collaboration with the Chico Gomes Community, such as the Solaris Project, Meizinheiras do Pé de Serra, and the Bioágua Project, as well as interviews conducted through Oral History.

The study examines how these projects were appropriated and utilized by the residents of the Chico Gomes Community, seeking to understand how they served as channels of transformation both in practices and social uses. The article aims to observe the engagement of Chico Gomes Community residents in relation to nature, territory, memory, and the experiences involving the culture and health of the community's inhabitants. By exploring the field of Environmental History, the study seeks to understand the meanings produced from the relationship involving the social actors within the space that houses the Chico Gomes Community. Methodologically, the study is based on Thematic Oral History, which occupies the central role in understanding the accounts of residents and leaders of the Chico Gomes Community, their experiences, and their interpretations of daily life in the area, drawing on the theoretical framework of Delgado (2006). Interviews are utilized, aiming to systematize them through the methodology of Oral History. These interviews reflect the daily lives and experiences of the Chico Gomes Community residents, as well as seek to give visibility to the experiences of some residents and their relationship with the projects.

Keywords: Chico Gomes Community, Cáritas Diocesana of Crato Projects, Traditional Community.

Resumen:

En este artículo, se tiene como objetivo analizar el espacio de la Comunidad Chico Gomes (Crato-Ceará-Brasil), observando cómo las territorialidades e identidades de esa comunidad son construidas por sus habitantes. Se utilizan como fuentes documentales los proyectos desarrollados por Cáritas Diocesana de Crato, junto a la Comunidad Chico Gomes, a saber: Proyecto Solaris, Meizinheiras do Pé de Serra y Proyecto Bioágua, así como entrevistas realizadas a través de la Historia Oral. A partir de la aplicabilidad de estos proyectos, se analiza cómo fueron apropiados y utilizados por los residentes de la Comunidad Chico Gomes, tratando de comprender cómo sirvieron de canales de transformación tanto en las prácticas como en los usos sociales de estos. En el artículo, se busca observar el compromiso de los residentes de la Comunidad Chico Gomes con respecto a la naturaleza, el territorio, la memoria y las experiencias que involucran la cultura y la salud de los habitantes de la comunidad. Se pretende, a partir de una incursión en el campo de la Historia Ambiental, comprender los significados producidos a partir de la relación que involucra a los actores sociales donde se inserta el espacio que alberga la Comunidad Chico Gomes. En términos metodológicos, el estudio se basó en la Historia Oral Temática, que ocupa el centro del recorrido, para comprender los relatos de los residentes y líderes de la Comunidad Chico Gomes, sus vivencias e interpretaciones sobre el cotidiano del lugar, basándose en el aporte teórico de Delgado (2006). Se hace uso de entrevistas, buscándose sistematizarlas mediante la metodología de la Historia Oral. Estas entrevistas reflejan el cotidiano y las experiencias de los habitantes de la Comunidad Chico Gomes, así como tratan de dar visibilidad a la experiencia de algunos residentes y su relación con los Proyectos.

Palabras Clave: Comunidad Chico Gomes, Proyectos Cáritas Diocesana de Crato, Comunidad Tradicional

Introdução

Esta análise é resultado da pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, cujo estudo se fez a partir da reflexão de três projetos desenvolvidos pela Cáritas Diocesana de Crato na Comunidade Chico Gomes, Crato-Ceará, onde se analisa como a identidade e a territorialidade dos moradores da Comunidade Chico Gomes passaram a ser ressignificadas a partir das novas experiências (liderar, plantar, colher, produzir, lutar pela terra) que marcaram a relação destes com o meio ambiente, a cultura, território, a memória e a saúde.

Sobre a estrutura que organiza este texto, destaca-se que as problemáticas apresentadas para esse estudo foram organizadas de modo que pudessem acompanhar o movimento de leitura, análise e compreensão das questões trazidas pelo elenco de discussões, de forma que o texto foi organizado em quatro partes que dão conta dessa proposta de estudo. No primeiro tópico, faz-se a apresentação dos pressupostos teóricos e metodológicos que guiam as análises e costuram o texto. No segundo, o leitor será conduzido ao espaço onde está localizada a Comunidade Chico Gomes, observando, especialmente, como as territorialidades e identidades daquela comunidade são construídas por meio da história oral. No terceiro momento, apresenta-se a Cáritas Diocesana de Crato e, no último tópico, apresenta-se e discute-se os projetos desenvolvidos pela Cáritas Diocesana de Crato naquela comunidade.

Pressuposto teórico-metodológico

Em relação aos conceitos que ajudaram a construção desta análise, como os conceitos de território e territorialidade, estes foram pensados a partir de Rogério Costa e são fundamentais para o diálogo com as fontes pesquisadas, uma vez que, nas fontes que embasam esta discussão, os sujeitos referem-se, constantemente, a termos como território, espaço, lugar, experiências e práticas diversas como plantar, colher, cozinhar, morar, viver. O território, conforme Costa, “tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação” (Costa, 2007, p. 20-21). Portanto, nas entrevistas, é interessante observar que, enquanto “espaço-tempo vivido”, o território é descrito ou mencionado como múltiplo, diverso e complexo.

Já o conceito de territorialidade é entendido, neste trabalho, como portador de uma dimensão mais estritamente política, ou seja, territorialidade diz respeito, também, às relações socioeconômicas e político-culturais, pois está “intimamente ligado ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como dão significado ao lugar” (Costa, 2014, p. 59).

Outra categoria muito presente no diálogo com as fontes é o conceito de espaço, pensado a partir do que afirmou Claude Raffestin, para quem o espaço é visto enquanto “palco” de ações em que os sujeitos são os “atores”. Neste caso, ao se apropriar de um espaço concreta ou abstratamente, o ator territorializa o espaço. Portanto, o espaço para Raffestin (1993) é anterior, preexistente a qualquer ação. O território é uma produção a partir do espaço, pois este só existe em função dos objetivos intencionais do ator. O espaço representado não é mais o espaço, mas a imagem do espaço, ou melhor, o território visto e/ou vivido.

Já o conceito de prática foi pensado nesse texto tomando como suporte metodológico a discussão feita por Certeau (1994), isso porque, entende-se que a materialidade e a potência das práticas e das artes de fazer dos sujeitos muda com o sentido, a partir de suas leituras e apropriações. Para Certeau, as práticas cotidianas não são meramente pano de fundo, mas estão no cerne da constituição do social, do cultural e do político. Dessa forma, trata-se de uma atividade produtiva que sempre depende de e está em constante tensão com um Outro (p.38).

Para a coleta de informações junto à Comunidade Chico Gomes, lançamos mão das contribuições da História Oral, “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações” (Delgado, 2006, p.15). A História Oral Temática consiste numa estratégia metodológica que deu base à produção de fontes oriundas de depoimentos colhidos na Comunidade com 5 (cinco) pessoas pertencentes a famílias diferentes. São elas: Solange Santana Filgueiras (42 anos, Assessora e Coordenadora Executiva da Cáritas Diocesana do Crato) Maria Leandro (76 anos, Mezinheira do Chico Gomes), Adriana Rodrigues de Sousa Nascimento (44 anos, Professora, Líder Comunitária da Comunidade Chico Gomes), Manoel Leandro do Nascimento (morador da Comunidade e, também, coordenador da Cáritas Diocesana do Crato) e Francisco José Leandro Santos (56 anos, professor aposentado do Ensino Fundamental).

O espaço e o território da comunidade chico gomes: conexões e vivências

A comunidade Chico Gomes, como eu falei, é uma comunidade que está localizada no sopé da Chapada do Araripe, na cidade do Crato, e fica a cerca de 8 km do centro do Crato. É uma comunidade de ancestralidade indígena e, provavelmente os primeiros moradores chegaram lá, né? fugindo da colonização que aconteceu no centro da cidade, onde hoje é o centro da cidade do Crato. Eles subiram para o sopé da Chapada, seguindo os cursos de água. Como a comunidade tem três nascentes de água, então, a gente acredita que os primeiros moradores chegaram lá seguindo esses cursos de água (M. Nascimento, 20 abril, 2022).¹

Como escreveu Jucá “[...] a relação entre o indivíduo e a coletividade à qual pertence o entrevistado é substancial, pois remete a uma área de maior abrangência da realidade histórica trabalhada” (2011, p. 24), o que se confirma por meio do relato oral de Manoel Leandro do Nascimento, que definiu o espaço onde se encontra a Comunidade Chico Gomes² e que faz parte do circuito de comunidades rurais que estão inseridas no entorno do território Geopark Araripe.³

A definição do espaço, visto enquanto cenário de ações em que os sujeitos são os “atores”, onde se encontra a Comunidade Chico Gomes, é observada no relato oral de Manoel Leandro do Nascimento, e complementada pelo registro da pesquisadora Bruna Xavier Araújo (2016), ao afirmar que Chico Gomes

[...] é uma comunidade rural que se estabeleceu naquele espaço em função da colonização do sul cearense, e do estabelecimento de engenhos de cana de açúcar que foram se estabelecendo na região cariri, onde índios e negros foram a força motriz do engenho e a junção predominante que forma o povo da comunidade (p. 20).

As razões que consolidam, atualmente, as reivindicações dos moradores que vivem na Comunidade Chico Gomes, ao reconhecerem sua ancestralidade indígena, devem ser compreendidas tanto a partir das definições apresentadas sobre o espaço onde está localizada a Comunidade Chico Gomes, quanto como se processou o povoamento daquela comunidade rural. Isso porque, deve-se considerar o processo histórico que a historiografia local registra, apresentando fontes documentais que tratam sobre a colonização do

Crato, e conseqüentemente, como se processou a ocupação de outros espaços pela população dos indígenas da tribo Kariri.⁴

Os moradores dessa comunidade rural têm procurado ressignificar o conhecimento herdado dos seus ancestrais indígenas, por meio da cultura que se traduz por meio da alimentação, do uso de ervas e chás medicinais, ou ainda, por meio da releitura de músicas e danças praticadas por seus ancestrais e que se mantém vivas nas narrativas orais das pessoas mais velhas da comunidade. Manuel Leandro Nascimento, ao falar sobre a importância que exerce o grupo Urucongo de Artes,⁵ criado em 2006, por um grupo de jovens preocupados em conhecerem a própria história da comunidade, enfatiza:

E, é... quando em foi em 2006, a gente fundou o grupo Urucongo de Artes, que era uma articulação da juventude da comunidade, e é a partir do Urucongo que a gente fez um trabalho de memória dentro da comunidade, que era para saber como que a comunidade né? Para a gente registrar essas memórias para fundamentar o nosso grupo como um grupo de artes, e assim, na época foi um trabalho muito intuitivo, né? Porque a gente foi seguindo pela intuição mesmo, né? A gente fez esse trabalho de memória, a gente conversava com as pessoas mais velhas da comunidade, ouvia essas narrativas da comunidade: como era que eles plantavam, como era que eles celebravam, né? Como que eles dançavam, como que eles cantavam. E, a partir dessa fundamentação que vem da memória, a gente iniciou um processo criativo do Grupo Urucongo. E a partir do Urucongo começa, também, a entender as nossas raízes, a nossa ancestralidade. Até, então, a gente nem pensava sobre isso, a gente não entendia sobre isso. E, é... eu acredito, assim, que a partir do Urucongo a comunidade começa a ter um olhar diferenciado para si próprio. Para a sua música, para sua natureza, para as nascentes d'água. Então, passa a olhar diferente para a sua própria comunidade. Eu costumo dizer que antes, o pessoal tinha muita vontade de sair. Hoje, o pessoal tem muita vontade de ficar (M. Nascimento. 28 outubro, 2023).

Esse trecho alinha-se ao que escreveu Martins (1999) quando fez uma análise sobre a relação do homem com a natureza, assinalando que “o meio essencial de sua sobrevivência social, fonte de sua vida e de sua identidade cultural e, por conseguinte, significa a possibilidade de continuarem vivendo na história” (p. 77). Importante registrar, que há anos, os moradores da Comunidade Chico Gomes enfrentam uma verdadeira batalha judicial que envolve a posse e propriedade das terras que habitam. Manoel Nascimento explica que a comunidade tem uma mistura de descendentes de indígenas e negros.

Nós estamos lá desde sempre. Meu pai, avô, bisavô, tataravô, todos nasceram aqui. A cultura canaveira aqui foi muito forte, e aí os engenhos foram chegando e esse povo nativo foi subindo a serra pra fugir da opressão e da escravidão. Nossa comunidade é terra de conflito, assim como todo o semiárido brasileiro (2019).

Nas últimas décadas, empreendimentos e grilagem de terras tem sido os principais temas de conflito. Essa querela envolvendo a propriedade das terras onde se concentram as 49 famílias que integram a Comunidade Chico Gomes tem refletido em conflitos envolvendo a disputa pelas terras, bem como dificultando o acesso à saúde, educação, cultura e lazer. Contudo, os moradores dessa Comunidade têm procurado resistir a essa situação, ao utilizarem de dispositivos legais, como a Constituição de 1988, em seu Capítulo VIII, quando trata sobre povos indígenas, como bem esclarece o pesquisador:

A relação território e identidade se dá no sentido de conseguirmos dialogar com o processo identitário com a valorização dos saberes tradicionais da comunidade para além dos discursos Institucionais, entendendo assim os processos simbólicos dentro de seu contexto. Aqui, destacamos as bases legais que se referem ao direito pelo território, com vistas à valorização das identidades inerentes às comunidades tradicionais. Numa breve análise, sublinha-se que, desde a promulgação da Lei n.º 601, de 18 de setembro de 1850, a Lei de Terras, que estabelece a

necessidade de registro cartorial e de documento de compra e venda para configurar dominialidade, instaurou-se com uma diferença no acesso e manutenção da terra por comunitários no meio rural. Em junho de 2002, evidenciando a força das reivindicações dos movimentos sociais e ressaltando o caráter aplicado do conceito de “terras tradicionalmente ocupadas”, o governo brasileiro ratificou, por meio do Decreto Legislativo n.º 143, assinado pelo presidente do Senado Federal, a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que é de junho de 1989, isto é, de 13 anos passados, e reconhece, como critério fundamental, os elementos de autoidentificação e reforça, em certa medida, a lógica de atuação dos movimentos sociais orientados, principalmente, por fatores étnicos e pelo advento de novas identidades coletivas. Nos termos do Art. 2.º da referida Convenção, tem-se explicitado o procedimento de reconhecimento de “povos” e/ou “comunidades”, sob um significado lato senso para além do sentido estrito de “tribo”, a saber: “a consciência de sua identidade indígena ou tribal deverá ser tida como critério fundamental para determinar os grupos aos quais se aplicam as disposições desta Convenção”. Além disto, o Art. 14 assevera que, em termos de dominialidade e direitos territoriais “dever-se-á reconhecer aos povos interessados os direitos de propriedade e de posse sobre as terras que tradicionalmente ocupam”. A ocupação e o uso das terras e do território é outro aspecto que se relaciona diretamente ao da identidade, de acordo com o item 1 do art. 14 da Convenção “Dever-se-ão ser reconhecidos aos povos interessados os direitos de propriedade e de posse sobre as terras que tradicionalmente ocupam (Costa, 2019, p. 68).

Considerando o que está posto na Constituição de 1988 e o que se tem ressaltado em outros dispositivos legais que tratam sobre os direitos das comunidades tradicionais, articula-se a voz de um dos moradores da Comunidade Chico Mendes:

E a gente tem uma luta com essa questão da terra, porque tem um fazendeiro que diz que é o dono da terra, mas nós da comunidade tá nessa luta para permanecer na terra, porque a gente entende que a tera é nossa, e esse ficar a partir dessa construção que começou em 2006 com o trabalho do Urucongo, nem, nem ... só em 2006, mas a partir da fundação da Associação, esse trabalho de reconhecer os potenciais, da beleza que tem o local, ele se inicia...

Hoje, a comunidade reconhece que tem direito a terra, né? Eu diria assim, antes, né? Eu era quase só, nesse entendimento, mas hoje não!

Hoje, é ... as pessoas compreendem, né? Tem pessoas que até já leram mais do que eu, já pesquisam mais do que eu, já conhecem mais do que eu sobre essa questão do direito à terra (M. Nascimento, 20 abril, 2022).

Assim, seja por meio da dança, dos instrumentos, da alimentação e dos saberes que envolvem a biodiversidade que aquele espaço dispõe através da natureza, os moradores do Chico Gomes têm se empenhado no sentido de fortalecer o reconhecimento da sua identidade e de sua ancestralidade indígena, cujo esforço se direciona, principalmente, em promover a territorialidade da sua gente e cultivar algumas práticas sociais dos seus ancestrais indígenas, a exemplo da relação que mantêm com a natureza e com o espaço, fortalecendo assim, a sua territorialidade. De acordo com Fernandes, a compreensão de cada tipo de território como uma totalidade, com a sua multidimensionalidade e organizado em diferentes escalas, a partir dos seus usos desiguais, permite-nos compreender o conceito de “multiterritorialidade”. Ou seja, se considerarmos que cada tipo de território tem a sua territorialidade, a variedade de relações e inter-relações evidencia as múltiplas territorialidades. A multiterritorialidade une todos os territórios por meio da multidimensionalidade e das escalas geográficas, que podem ser representadas como camadas sobrepostas nas quais a ação política se desdobra em vários níveis e escalas: local, regional, nacional e internacional (2013, p. 120).

Essa relação com a natureza pode ser confirmada por meio da experiência e do conhecimento que circula entre as mezinheiras do Chico Gomes. As Mezinheiras do Pé da Serra formam um grupo de mulheres que desenvolvem atividades de práticas de cuidado do corpo e da alma por meio do uso de plantas medicinais. A maioria delas cultiva em seus quintais, além de hortaliças, várias ervas medicinais, dentre elas, o manjeriço, a hortelã, a malva do reino e corona, a menta, a arruda. Nesse sentido, foi construída em parceria com a Cáritas Diocesana de Crato, uma “mandala produtiva” que funciona como um centro formador, levando a agroecologia aos quintais das famílias do local. Essas mulheres transformam as plantas medicinais em xaropes, o que pode ser traduzido como exemplo para referenciar o significado que é dado ao lugar pelos moradores daquela comunidade rural, conforme relata Nascimento:

É, então a gente foi conseguindo parcerias. As primeiras parcerias foram muito mais na questão da formação. Com a ACD, nós fizemos uma ação de reflorestamento, uma discussão sobre a importância das plantas nativas para nós, e, para a preservação de fonte de água. Essa atividade foi muito importante para nós! Com o GRUNEC, a gente fez várias formações com relação a identidade, né? Eu acho que foram fundamentais para a comunidade se entender como uma comunidade de ancestralidade indígena (M. Nascimento, 20 abril, 2022).

O autorreconhecimento como indígena é, sem dúvida, uma peça-chave no processo para se afirmarem como comunidade tradicional, como explicou o pesquisador Melo (2017), quando estudou a Comunidade do Sítio Poço Dantas, declarou que “Após a Convenção 169 da OIT e ratificação do Estado brasileiro à referida convenção elaborou-se um entendimento que o processo de auto atribuição e consciência de “ser índio “pelos grupos sociais tem sido a condição principal para o reconhecimento do Estado” (p. 274).

Contextualizando a cáritas diocesana do crato

De acordo com um dos projetos⁶ utilizados para esse estudo, a Cáritas Diocesana de Crato

[...] está situada no Semiárido do Nordeste brasileiro, onde realiza ações de convivência com o Semiárido por meio do desenvolvimento de projetos que incentivam a agroecologia, a educação ambiental e a formação, incidindo diretamente na participação popular e no controle das políticas públicas. Esses projetos procuram capacitar comunidades, associações, grupos, pessoas e entidades para atuação nos canais de participação da sociedade civil. Integram, ainda, espaços próprios como a Articulação do Semiárido Brasileiro – ASA, Fórum Araripense de Prevenção e Combate à Desertificação, a Rede de Educação Cidadã – RECID, a Rede de Educação do Semiárido Brasileiro – RESAB e Conselho Municipal de Assistência Social – CMAS, dentre outros (Projeto Solari, 2012, p. 3).

Composta por 53 paróquias e quase um milhão de pessoas, a Cáritas Diocesana do Crato, por meio dos seus projetos, tem procurado realizar,

[...] um modelo de educação contextualizada como uma alternativa viável para a melhor qualificação da população camponesa, evitando assim, o êxodo rural, promovendo, ampliando e criando espaço de comunicação, reflexão e práxis em torno do desenvolvimento solidário sustentável das comunidades envolvidas. (Projeto Grupo de Mezinheiras do Pé Serra, 2011, p. 3).

Essa Entidade está presente na Comunidade Chico Gomes desde 2010, quando fez parte do Fórum Araripense de Prevenção e Combate à Desertificação. Á época, de acordo com Solange Santana Filgueiras, a Cáritas Diocesana de Crato elaborou um projeto para a Conferência Episcopal Italiana (CEI), cujo intuito era implementar tecnologias sociais nas comunidades, envolvendo os jovens da comunidade receptora do Projeto durante a sua realização. Vale destacar que um dos requisitos apontados no Projeto Solaris foi

incentivar a permanência dos jovens no seu território e a manutenção de suas tradições, uma vez que se deve considerar a formação e educação da nova geração de camponeses e incentivar a sua identidade com a terra e com o “chão que pisa”. Sobre essas questões, Nascimento argumenta:

[...] depois que a gente fez parceria com a Cáritas Diocesana do Crato, foi uma parceria que começou eu acredito, em 2010...2009; 2010 com o Projeto Solari. Foi quando é ... foi implantado um sistema de Mandala na comunidade, então, nesse projeto uma mandala que é um processo produtivo em círculo, mas teve todo um processo de formação com a juventude, né? Sobre agroecologia, sobre a questão de criação de pequenos animais, é ... comunicação, cultura. Então, teve todo um processo de formação, e a implantação de um sistema produtivo, e a partir daí, é ... a comunidade vai se modificando é? Em diversos aspectos, tanto na questão, por exemplo do olhar, né? De olhar diferente para as riquezas que tem lá, mas também é, no próprio vocabulário, por exemplo: ninguém tinha escutado falar em agroecologia, ninguém sabia o que era mandala. Então, são palavras que vão adentrando no dia a dia da comunidade. Economia Solidária, ninguém sabia o que era, então novas palavras, novos vocabulários vão adentrando no dia a dia da comunidade (M. Nascimento, 20 abril, 2022).

Ainda de acordo com Nascimento, a comunidade passa a ser enxergada a partir da ação da própria comunidade: “quando alguém dizia que conhecia o Chico Gomes, aqui na região do Cariri, conhecia por causa do engenho, por causa da vacaria”. E, hoje, acrescentou o nosso entrevistado, “a maioria das pessoas que encontro diz que conhece o Chico Gomes por causa do Urucongo, por causa das Meizinheiras, então, é uma mudança profunda, né? Por que eu acredito né? Foi uma mudança feita por nós mesmos, pela comunidade” (2022). Esse trecho nos coloca diante da seguinte afirmativa:

O que transforma o espaço em lugar? A dimensão humana é que pode transformar o espaço em lugar. O lugar se constitui quando atribuímos sentido aos espaços, ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades. Quando se diz “esse é o lugar de”, extrapolamos a condição de espaço e atribuímos um sentido cultural, subjetivo e muito próprio ao exercício de tal localização (Cunha, 2008, p. 184).

Dessa forma, compreende-se que tanto as ações dos moradores da Comunidade Chico Gomes quanto o empenho do Grupo Urucongo de Artes, em relação àquele espaço, é que dão sentidos ao lugar.

Investir numa pesquisa é o primeiro requisito que deve ser considerado quando a intenção é construir uma análise amparada em fontes, metodologia e teoria. Afinal, é desse movimento que uma investigação científica é construída, onde a relação entre o pesquisador e os sujeitos sociais se desenvolvem num processo lento, contínuo e prazeroso, onde o desejo de compartilhar e, também, apreender certas experiências, resultam quase sempre nas tramas sociais que irão desenhar o texto. Assim, foi construída a primeira experiência de pesquisa, quando estivemos⁷ na Comunidade Chico Gomes. Era para ser apenas uma visita marcada pela cordialidade das apresentações, mediada pela Coordenadora Executiva da Cáritas Diocesana do Crato, Solange Santana Filgueiras, que nos acompanhou naquele momento, onde fomos apresentados a alguns moradores, estreitando, as futuras relações que iríamos desenvolver com estes a partir de então.

Já na chegada em casa de dona Rina,⁸ fomos surpreendidos pelo convite de Preto⁹ para uma ligeira caminhada, onde passamos a explorar, juntamente com ele, os arredores da casa. E logo compreendemos todo entusiasmo de Preto, quando nos deparamos com diversos tipos de plantações de hortaliças, ervas medicinais, uma pequena plantação de milho, feijão, árvores frutíferas e muitas espécies de flores que coloriam a paisagem no quintal da casa, emoldurada pela Chapada do Araripe.¹⁰ Toda essa riqueza, dizia ele, era resultado da implantação do Projeto Bioágua.¹¹

O Projeto Bioágua foi pensado a partir de sobras de recursos financeiros da Cáritas Diocesana do Crato que foram destinadas à construção de dois bioágua na Comunidade Chico Gomes e dois no Assentamento 10 de Abril. Esse projeto tinha como objetivo geral “atingir grupos/comunidades acompanhadas e redes

solidárias, pautando e acessando políticas públicas, fortalecendo práticas para a construção da sociedade do Bem Viver no Estado do Ceará de acordo com o Plano Trienal” (Cáritas Diocesana do Crato, 2019, p. 1). Para sua consolidação, foi estabelecido um Termo de Cooperação Técnico-financeira em que o Projeto

[...] deveria atuar em Redes, com ênfase nas Redes de Sementes e Catadores, organizadas e articuladas incidindo de forma qualificada em políticas públicas, relacionadas com suas áreas de atuação, em diálogo com as respectivas comunidades, grupos e parceiros, na perspectiva do bem viver (Cáritas Diocesana do Crato, 2019, p. 1).

Além disso, fica claro que grupos e comunidades urbanas e rurais deveriam produzir, consumir e comercializar com base na agroecologia e economia solidária, incidindo nas políticas públicas dessas áreas temáticas. Para estruturar os indicadores do Projeto, este obedeceu a dois critérios dispostos no Termo de Cooperação Técnico-financeira: Dados de Partida e Indicadores de Efeito. No caso das Redes de Sementes, o texto informa que,

[...] existem quatro redes de sementes que articulam as casas de sementes de seus territórios de atuação, em diferentes estágios de organização. Elas necessitam de acompanhamento e apoio para continuarem na defesa e conquista de políticas públicas. As redes recebem assessoria técnico-pedagógica das Cáritas Diocesanas, conforme listado: RIS Centro-Sul – Cáritas Diocesana de Iguatu; RIS Três Climats- Cáritas Diocesana de Itapipoca; RIS Zona Norte – Cáritas Diocesana de Sobral; RIS Ibiapaba- Cáritas Diocesana de Tianguá (Cáritas Diocesana do Crato, 2019, p. 1).

Em relação aos Indicadores de Efeito, o projeto informa que “há 04 Redes de Intercâmbio de Sementes, 03 Redes de Catadores/as e 01 Rede Estadual de Catadores/as, vivenciando processos de autogestão com ênfase nos aspectos da gestão organizativa, da negociação de políticas públicas e da construção de processos formativos (Cáritas Diocesana do Crato, 2019, p. 4).

No que diz respeito a Redes, grupos e comunidades rurais e urbanas acompanhadas de forma articulada junto à sociedade civil e aos poderes públicos para o acesso e a gestão democrática da água, o documento aponta em relação aos Dados de Partida que existe “uma proposta de lei de iniciativa compartilhada, entre Cáritas Regional e o mandato popular do Deputado Renato Roseno, que foi apresentada para alguns deputados, mas a tramitação não avançou na Assembleia Legislativa do Estado” (Cáritas Diocesana do Crato, 2019, p. 5).

No que tange aos Indicadores de Efeito, o texto esclarece que há “um Projeto de Lei de iniciativa Popular Estadual referente ao acesso e à democratização da água, na área de captação, armazenamento, aproveitamento e gestão, construído a partir de mobilização e formações em todas as dioceses e apresentado à Assembleia Legislativa do Estado” (Cáritas Diocesana do Crato, 2019, p. 5).

E como terceiro e último objetivo que trata dos grupos e comunidades urbanas e rurais que produzem, consomem e comercializam com base na agroecologia e economia solidária, é apontado como Dados de Partida que existem

- 18 grupos/comunidades acompanhadas (cerca de 20%) produzindo de forma agroecológica para o autoconsumo e para comercialização do excedente nos espaços de feiras, pontos fixos de economia solidária e/ou programas governamentais, sendo:
- 25 grupos (30%) estão em processo de transição agroecológica, para comercialização e autoconsumo de alguns gêneros alimentícios: feijão, milho, mandioca, hortaliças e algumas frutas;
- 25 grupos acompanhados (26%) participam de feiras locais/ municipais de agricultura familiar, agroecologia e feiras territoriais ou estaduais de economia popular solidária;

Apenas cinco grupos (6%) e a Cooperativa “Bodega” comercializam para os programas de compras governamentais (PAA ou PNAE);

- 63 grupos de mulheres estão atuando no campo da produção e comercialização solidária, tanto no meio rural, quanto no urbano, destes 13 grupos (cerca de 20%) participam de espaços de controle social das políticas públicas (fóruns, conselhos, comitês e redes) (Cáritas Diocesana do Crato, 2019, p. 5).

No que diz respeito aos Indicadores de Efeito, o documento informa que:

- 36 grupos/comunidades acompanhadas (cerca de 40%) produzindo de forma agroecológica e solidária para o autoconsumo e para a comercialização do excedente nos espaços de feiras, pontos fixos de economia solidária e/ou programas governamentais;

- 50% de grupos de mulheres acompanhadas (32 grupos) incidindo na permanência de políticas públicas já conquistadas (PAA, PNAE e Política Nacional de Agroecologia) e leis (Resíduos sólidos e Economia Solidária), a partir da atuação nos espaços de controle social (fóruns, conselhos, comitês e redes).

Para a execução e desenvolvimento do Projeto Bioágua pela Cáritas Diocesana do Crato, foi disponibilizado o valor de \$ 109. 200,00 (cento e nove mil e duzentos reais), divididos entre as rubricas de atividades e custeio, sendo \$78. 000,00 (setenta e oito mil reais) para Atividades e \$31. 200,00 (trinta e um mil e duzentos reais) para custeio respectivamente, conforme cronograma de desembolso previsto na cláusula sexta, a serem pagos mediante apresentação das respectivas notas fiscais de serviço, recibos de quitação e Relatório das Atividades desenvolvidas no trimestre (Cáritas Diocesana do Crato, 2019, p. 5).

Um dos efeitos produzidos pelo Projeto Bioágua na Comunidade Chico Gomes é o aumento na produção de gêneros alimentícios. Filgueiras, falando sobre a implantação do Projeto Bioágua nos dizia:

A gente recebeu também para implementar lá também, através da Cáritas Regional, cisternas de placas, cisternas de 16 mil litros, então, a gente conseguiu implementar com outro projeto dois Bioáguas familiares que é onde você faz o reaproveitamento da água, que a gente chama água cinza, água cinza é aquela água que vem da pia da cozinha e do banheiro, lá nas casas de Dona Rina e dona Iracy que hoje já não está no meio da gente, mas que é vai ser nossa eterna mezinheira, mas que está lá com os seus filhos, que tem lá a implementações desses dois bioáguas (S. Filgueiras, 7 agosto, 2023).

Projeto Grupo de Mezinheiras do Pé da Serra

O projeto visa valorizar as práticas populares em saúde junto às comunidades como forma de minimizar as distâncias, as diferenças e os preconceitos, contribuindo assim para levar uma saúde popular e humanizada para todos e todas. A proposta propõe ainda uma reflexão sobre saúde não apenas como ausência de doença, mas como um estado de bem-estar que reflete, inclusive nas relações comunitárias e familiares (Projeto Mezinheiras do pé de Serra, 2012, p. 4).

O projeto Mezinheiras do Pé de Serra foi desenhado a partir da colaboração de uma equipe executiva¹² da Cáritas Diocesana de Crato, instituição juridicamente responsável pelo projeto, com início em fevereiro de 2013 e concluído em janeiro de 2014. Seus objetivos consistiam em:

- Ampliar o debate sobre as práticas populares de saúde, através das rodas de conversas oficinas, intercâmbio de experiências e encontro intercomunitário com os grupos anteriormente mobilizados.

- Valorizar as práticas populares em saúde junto às comunidades como forma de minimizar as distâncias, as diferenças e os preconceitos, contribuindo assim para levar uma saúde popular e

humanizada para todos e todas. A proposta propõe ainda uma reflexão sobre saúde não apenas como ausência de doença, mas como um estado de bem-estar que reflete, inclusive nas relações comunitárias e familiares (2012, p. 4).

O projeto foi elaborado para ser desenvolvido em 03 comunidades do município do Crato, a saber: Comunidade Chico Gomes, Jenipapo¹³ e Batateiras.¹⁴ Pelo fato de se tratar de comunidades rurais, cuja base econômica é a agricultura familiar, além da observância dos programas sociais do governo federal, esses requisitos serviram para justificar a realização do Projeto Meizinheiras de Pé de Serra nas referidas comunidades. Contudo, a experiência na Comunidade Chico Gomes foi realizada, considerando, inclusive, as ações preexistentes na comunidade, que envolviam o conhecimento herdado pelas mulheres meizinheiras do Chico Gomes. De modo que ao atuar junto a essa comunidade “a Cáritas Diocesana de Crato apresenta esta proposta como forma de fortalecer o debate e garantir a participação dos grupos nos espaços políticos de controle social” (Filgueiras, 2022). Com isso, foram pensados os principais objetivos que iriam dar contorno ao Projeto (2012), tais como:

- Implementação da política nacional de saúde, garantindo a participação nos espaços de controle social;
- Fortalecer os grupos que desenvolvem práticas tradicionais de saúde popular;
- Promover intercâmbios;
- Implantar e/ou fortalecer 03 viveiros de mudas medicinais;
- Organizar as pessoas que praticam a medicina alternativa e popular;
- Divulgar as experiências e os produtos desenvolvidos pelos grupos;
- Vivenciar práticas tradicionais da saúde popular fortalecendo nas comunidades a capacitar os grupos para agregar valores aos produtos e serviços;
- Acompanhar as experiências implantadas nas três comunidades;
- Incentivar a participação dos grupos nos espaços de controle social;
- Fomentar a discussão sobre o projeto popular para saúde;
- Estimular o associativismo e o cooperativismo nas comunidades;
- Sistematizar o projeto (2012, p. 4)

Para viabilizar e executar o Projeto, foi criado um planejamento de Atividades Ações e Estratégias, que deveriam ser cumpridas obedecendo o seguinte cronograma:

Quadro 1 - Cronograma de atividades

MÊS	ATIVIDADE	LOCAL
FEV/2013	03 Rodas de conversas – Mobilizar e planejar.	Chico Gomes, Batateira e Jenipapo
MAR/2013	03 Oficinas (importância do saber e das plantas medicinais para a saúde das comunidades).	Chico Gomes, Batateira e Jenipapo
ABR/2013	03 oficinas (produção de mudas medicinais).	Chico Gomes, Batateira e Jenipapo
MAI/2013	Acompanhamento e assistência técnica aos viveiros.	Chico Gomes, Barateira e Jenipapo
JUN/2013	Intercâmbio	Chico Gomes
JUL/2013	01 Oficina de extração de essências .	Jenipapo

AGO/2013	01 oficina de confecção de sabonetes/shampoo.	Batateira
AGO/2013	Acompanhamento e assistência técnica aos viveiros.	Chico Gomes, Batateira e Jenipapo
SET2013	01 oficina de Lambedores e pomadas medicinais.	Chico Gomes, Batateira e Jenipapo
OUT/2013	01 oficina- como agregar valores aos produtos e serviços das comunidades.	Chico Gomes, Barateira e Jenipapo
NOV/2013	Mostra – distribuição de mudas	Praça de REFSA
DEZ/2013	Encontro de avaliação.	Chico Gomes, Batateira e Jenipapo
JAN/2014	Relatório final e prestação de contas	Crato

Fonte: Projeto Meizinheiras do Pé de Serra (2012-2014, p. 6).

Tabela 1 - Descrição das pessoas e grupos a serem beneficiados

QUANTITATIVO	COMUNIDADES		
	CHICO GOMES	JENIPAPO	BATATEIRAS
Nº de homens	12	06	06
Nº de mulheres	18	10	10
Nº. de crianças, adolescentes e jovens	12	08	08

Fonte: Projeto Meizinheiras do Pé de Serra (2012-2014, p. 6).

Com isso, algumas metas deveriam ser alcançadas no final da execução do Projeto, tais como: mobilização de 90 pessoas; realização de 10 oficinas; promoção de 01 intercâmbio; implantação ou fortalecimento de 03 viveiros de mudas medicinais; organização de 03 grupos de pessoas que praticam a medicina tradicional e popular; realização de 01 mostra de produtos medicinais; doação 1000 mudas nativas e medicinais; realização de 01 encontro de avaliação e sistematização do projeto.

Ao relacionar as diversas maneiras de se referir às práticas de saúde, ensaiadas pelas Meizinheiras a partir dos seus saberes sobre as plantas medicinais que são encontradas naquele lugar, Araújo (2016) afirma:

Essas práticas populares de saúde constroem laços de solidariedade, responsabilidade social e pertencimentos culturais que permanecem, resistem à homogeneidade das investidas dos processos culturais globalizados. Esses, na atualidade, são destruidores das formas das organizações comunitárias, territorializadas e presentes em diversas localidades do mundo. As ações de resistência que surgem nesses contextos são decorrentes da coesão, da liga e da interrelação entre os corpos sociais que se interconectam para continuarem reexistindo (p. 15).

Quando incursionávamos nos arredores da casa de Dona Rina, pudemos comprovar todo o processo que envolve o manejo do Bioágua através da reutilização da água que é captada por meio de uma tubulação interligada a um conjunto de reservatórios afixados no chão. Num desses reservatórios são depositados, também, restos de cascas de frutas, verduras e folhas. Em outro, são jogadas cinzas, que segundo nos explicava Preto, servia para finalizar o processo de decantação e purificação da água, que por sua vez, chega limpinha e sem nenhum odor nas plantações de frutas, hortaliças e flores.

Além da casa de Dona Rina, foi beneficiada, também, a casa de Dona Iraci. Com a morte dela, os filhos não levaram adiante a execução do Projeto: “lá tem todo o equipamento, mas infelizmente o projeto não está sendo utilizado” (Preto, 2023) Em relação aos custos assumidos pelas famílias que tiveram acesso ao Projeto Bioágua, praticamente, se resume aos gastos com a energia que é usada no motor.

Sobre os resultados da Mandala,¹⁵ Adriana Nascimento (2023), líder comunitária, informa que o “Projeto veio para fortalecer a fixação dos jovens na Comunidade, porque até então tinha uma política e uma idealização de que para conseguir melhoria de vida as pessoas tinham que migrar para outras regiões”. Destaca, também, que a comunidade foi, ao longo do tempo, perdendo seus jovens para as cidades grandes como São Paulo e Rio de Janeiro. E acrescenta:

[...] nesse projeto Solaris, que foi construído pela Cáritas, no qual denomina-se a Mandala, um dos projetos é a Mandala. Então, a agente tinha essa esperança dos jovens permanecerem aqui na nossa comunidade né? Aí com isso, muitos jovens passaram por formações, e na época que veio esse projeto, inclusive, os jovens aprenderam a manusear computadores, né? Tinha uma rádio comunitária, onde os jovens iam articulando informações, alguns equipamentos foram instalados na capela São José, na nossa comunidade, porque ainda não tinham um local fixo para colocar esses equipamentos. Depois foi construído é... a Casa de Sementes que já foi consequência desse projeto Mandala e, também, e tudo articulado com o grupo Urucongo de Artes. Eles ganharam um prêmio de dez mil reais ofertado pela Cáritas Diocesana Nacional. Eles foram receber esse prêmio em Brasília, era o Prêmio Odair Firmino, e com esse recurso eles compraram o terreno. E, nesse terreno foi construído essa mandala, então, foi uma conquista grande de longa data, a gente já tem essa consciência do uso produtos orgânicos. Então, na mandala tinha hortas. Atualmente, está desativada a horta, por falta de mão de obra, porque os jovens começam também a buscar outros meios, outras alternativas, e o grupo está mais restrito. Mas, até pouco tempo tinha muitas hortaliças, tudo orgânico, essa é a nossa grande defesa com o meio ambiente. Tem essa questão ambiental, em relação ao cultivo de hortaliças sem agrotóxicos. Mas, que tem a Casa de Sementes, onde tem as sementes crioulas, que a gente tem esse cuidado de manter toda essa questão das sementes, no sentido que o governo tem as transgênicas, mas que a gente acredita que a semente crioula, por não ter agrotóxico, por não ter nenhuma modificação genética, ela é mais resistente a pragas, por isso que a gente faz esse cuidado, tem esse cuidado de conservar essas sementes crioulas nesse espaço Casa de sementes, denominada de Chico Avelino, é o nome da Casa de Sementes, pai do Manoel Leandro. Então, é uma homenagem também para ele, a casa de sementes, que está localizada no espaço Mandala. (2023).

Sobre o Projeto Meizinheiras do Pé de Serra, trazemos o relato de Dona Rina (2023), atualmente única a mulher envolvida nas tarefas de plantar, colher e transformar as ervas em xaropes, lambedores, pomadas e outros derivados, na comunidade:¹⁶ “Nós era três, eu Iraci, Peinha. Aí, Iraci faleceu e Peinha ela, ela está doente, ela nem se levanta, nem anda nem se alimenta, ela se alimenta por sonda. Aí ficou só eu aqui no Chico Gomes, mas eu achei muito ruim ficar sozinha (risos)”.

Há de considerarmos, também, as preocupações que cercam a fala de Dona Rina em relação à transmissão do saber que acompanha, por gerações, as mulheres meizinheiras do Chico Gomes, mas que, atualmente, são poucos os jovens que procuram acessar esse tipo de conhecimento tão necessário à vida da comunidade. Contudo, mesmo considerando as atuais circunstâncias em que se encontra o Grupo das Mulheres Meizinheiras do Chico Gomes, vale ressaltar que os resultados são apontados em outros documentos consultados para a realização desse estudo. Um deles é o relatório apresentado por Solange Filgueiras à Cáritas Diocesana do Crato, intitulado: Pastoralidade, Cultura da Solidariedade e Bem viver.

Nesse relatório, constata-se que através do Projeto Meizinheiras do Pé de Serra, essas mulheres construíram para si outras motivações diárias, experimentaram outras sensações que extrapolaram os

terreiros de suas casas, tudo isso graças aos momentos de socialização e de convivência com outros grupos de mulheres meizinheiras. Como bem recordou Dona Rina: “Foi muito bom, juntou as mulheres da Batateira, do Jenipapo, aí a gente saiu para um bocado de canto! Ai, foi muito bom as experiências de uma para outra” (D. Rina, 28 outubro, 2023). A fala de Dona Rina é complementada pelo que se tem registrado no relatório:

São produzidos xaropes, lambedores, pomadas, garrafadas, sabonetes e xampus; realizadas reuniões de divisão de tarefas para os momentos de preparação dos viveiros de mudas, decantação de essências de plantas e ervas. Como se não bastasse, as aprendizagens são repletas de alegrias, cantos, danças, rezas e orações. Aprendem juntas nos diversos intercâmbios de experiências entre as comunidades; nessas trocas refletem sobre o atendimento no posto de saúde, as doenças que estão acometendo as pessoas, numa verdadeira conexão desse fazer com a política Nacional de Educação popular e saúde. (Relatório, 2023).

Desse projeto, foram elaborados vários materiais pedagógicos, sendo um deles a confecção da Cartilha Meizinheiras do Pé de Serra. Nessa Cartilha estão reunidas algumas das experiências pelas quais Dona Rina nos relatou, afirmando que as Meizinheiras do Chico Gomes compartilharam as suas receitas de xaropes, lambedores, sabonetes, banhos, infusões e outros saberes populares com outros grupos de mulheres Meizinheiras.

Figura 1 - Cartilha: Meizinheiras do Pé de Serra



Fonte: Capa Revista Meizinheiras do Pé de Serra, s/d.

A Cartilha se traduz pela riqueza de informações, seja textual, seja de imagens, dando conta, inclusive, da fala de algumas Meizinheiras sobre receitas de lambedores, onde estão descritas as ervas, as cascas e plantas medicinais utilizadas e suas respectivas indicações terapêuticas, além de descrever as oficinas realizadas durante os anos de execução do projeto. Para as Meizinheiras do Pé de Serra: “Saúde é Felicidade!”. Nessa Cartilha encontramos, ainda, O Canto das Meizinheiras:

Seu doutor
Seu doutor
Cheguei para me receitar
Seu doutor
Seu doutor
Cheguei com dor de barriga
Uma caganeira de estralar
Seu doutor
Seu doutor
Só porque não tem dinheiro
Eu tenho que esperar
Passa o nove, passa o dez
E tempo se passando
Terminei foi me cagando
Seu doutor
Seu doutor
Tomando chá de cidreira, papaconha e camomila
Foi se embora a caganeira
Passando a dor de barriga
Tomando chá de embiriba.
(s/d, p. 28)

Quando se propôs estudar e analisar as práticas populares de saúde por meio das práticas de uso de plantas medicinais, desvelando os saberes terapêuticos desenvolvidos pelo grupo de mulheres Meizinheiras do Pé da Serra, Araújo (2016) deixou claro que

[...] as meizinheiras são narradoras de suas vidas, da comunidade e destes costumes. Thompson (1998, p. 22) pondera que o costume “[...] pode representar e preservar a necessidade da ação coletiva, do ajuste coletivo de interesses, da expressão coletiva de sentimentos e emoções dentro do terreno e domínio do que eles coparticipam”. As agricultoras, mais do que quaisquer outras pessoas, são as guardiãs desses conhecimentos (p. 15).

Considerações finais

Desta experiência de pesquisa, muitas questões surgiram a partir das problemáticas indicadas para o desenvolvimento deste estudo. Uma delas foi a necessidade de se alinhar esta análise aos debates sobre História Pública, tão latentes nos documentos analisados e tão frequentes nas narrativas orais dos entrevistados quando tratavam de temas como Meio Ambiente, Patrimônio Natural e Cultural, Direitos das Comunidades Tradicionais, Sustentabilidade, Práticas Populares e de Saúde,¹⁷ Educação, enfim.

Com isso, importa que compreendamos os sentidos produzidos com as leituras que fizemos durante a pesquisa, a exemplo da forma como os Projetos desenvolvidos pela Cáritas Diocesana do Crato cumpriram seus objetivos quando contribuíram para fortalecer as formas de organização da Comunidade Chico Gomes. Esses projetos contribuíram com o fortalecimento e o entendimento da sua territorialidade e da sua identidade enquanto Comunidade Tradicional, tendo como base o seu território, a sua cultura, a sua relação com a natureza, tão fortemente lembradas na interação com o meio ambiente. Embora tenhamos usado o

termo Comunidade Tradicional, destacamos que uma das maiores lutas que vem sendo travadas pelos moradores da Comunidade Chico Gomes é o seu reconhecimento como remanescentes dos indígenas Kariri e, assim, conquistarem o direito de serem declarados como comunidade tradicional.

Outra contribuição importante desta análise é sobre as práticas e os saberes terapêuticos desenvolvidos pelas Mulheres Meizinheiras do Chico Gomes quando plantam, manipulam as ervas utilizadas na produção de lambedores, chás, e, também, nos banhos e nas rezas, traduzindo, inclusive, a experiência e o legado que imprimem algumas das marcas que confirmam a sua ancestralidade com os indígenas Kariri, e ao se relacionarem com a natureza e meio ambiente, de maneira equilibrada e harmoniosa, propiciando condições de permanência e de exercício do multiculturalismo cultural, como a reprodução de tradições proteção dos ecossistemas e biomas e sustentabilidade ambiental.

Por fim, porém não menos importante, enxergamos por meio dos Projetos desenvolvidos pela Cáritas Diocesana de Crato na Comunidade Chico Gomes, uma gama de possibilidades para estudos de pesquisa e de extensão das universidades públicas e particulares da região do Cariri Cearense, pois que, em função da quantidade de elementos que cercam a cultura, a economia, a saúde e a tradição daquela comunidade, é possível aos pesquisadores da região desenvolverem cursos de extensão e projetos de pesquisa de modo interdisciplinar, envolvendo temas no âmbito político-educacional, cultural, científico e tecnológico.

Os sujeitos envolvidos na história da Comunidade Chico Gomes vivem, apropriam-se e relacionam-se à sua maneira com o território, por meio da luta pela conquista da terra, atribuindo-lhe significados. Conforme Certeau (1994, p.42), “essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural”, ou seja, ao se apropriarem do espaço, os moradores da Comunidade do Chico encontram maneiras de inscrever suas próprias histórias e significados naquele ambiente, transformando-o de acordo com suas concepções, vivências e visões de mundo.

Fontes documentais

- Cartilha Meizinheiras do Pé de Serra. (2014). Fundo Arquivo documental da Cáritas Diocesana de Crato.
- Comunidade do Chico Gomes. Plano de ações comunitárias: pacto. (2018). Fundo Arquivo documental da Cáritas Diocesana de Crato.
- Filgueiras, S. (2023). Relatório apresentado à Cáritas Diocesana de Crato. Juazeiro do Norte – CE.
- Instrumental de diagnóstico com os grupos (2013). Fundo Arquivo documental da Cáritas Diocesana de Crato.
- Projeto de desenvolvimento solidário, sustentável e territorial: educação contextualizada, energia solar e agroecologia: capacitando jovens, promovendo a vida e conservando o meio ambiente em comunidades da Diocese de Crato. (2012). Fundo Arquivo documental da Cáritas Diocesana de Crato.
- Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018. (2018). Diário Oficial da União, Brasília, Seção 1, p. 49-50. Recuperado em https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN72018.pdf. Acesso.
- Termo de cooperação técnico-financeira nº 03/2019. (2019). Fortaleza. Fundo Arquivo documental da Cáritas Brasileira Regional Ceará.

Referências bibliográficas

- Araújo, A. G. de. (1971). *A cidade de Frei Carlos*. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato. (Coleção Estudos e Pesquisas, v. 5).
- Araújo, B. X. de. (2016). *Raízes da cura: os saberes e as experiências dos usos de plantas medicinais pelas Meizinheiras do cariri cearense*. (Dissertação de mestrado inédita). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Certeau, M. de. (1994). *A invenção do cotidiano: as artes de fazer*. Vozes.
- Costa, L. F. da. (2019). *Saberes tradicionais, memória e cultura: uma análise das práticas culturais da comunidade remanescente de Quilombo do Itacuruçá (Abaetetuba/Pará)*. Dissertação (Pós-graduação em Educação e Cultura) – Universidade Federal do Pará, Cametá.
- Costa, R. H. (2007). Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, 9(17), 9-46. <https://periodicos.ufr.br/geographia/article/view/13531>
- Costa, R. H. (2014). *Viver no limite: território e multitransterritorialidade em tempos de insegurança e contenção*. Bertand Brasil.
- Cunha, M. I. da. (2010). *Trajetórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional*. Junqueira Marin; CAPES, CNPq. https://books.google.com.br/books?id=E7Z2DwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
- Delgado, L. de A. N. (2006). *História oral: memória, tempo identidades*. Autêntica.
- Fernandes, B. M. (2013). Territorios: teoría y disputas por el desarrollo rural. *Revista novedades en población - RNPS*: 2106,(17), 116-133.
- Jucá, G. N. (2011). *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*. Premius.
- Martins, M. L. (2007). *História e Meio Ambiente*. Annablume.
- Melo, J. P. (2017). *Índios Cariri, identidade e direitos no século XXI*. (Tese de Doutorado inédita). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba.
- Moreira, R. M. (2019). *Geossítio Batareira – Memórias em movimento: tramas territoriais e ambientais no Cariri cearense*. (Tese de Doutorado inédita). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.
- Nascimento, M. L. (2019). *Na Chapada do Araripe, agricultores do Sítio Chico Gomes resistem com a cultura*. Recuperado de <https://www.brasildefatope.com.br/2019/02/25/nossa-comunidade-e-terra-de-conflito-assim-como-todo-o-semiarido-brasileiro>

Entrevistas de História Oral

- Filgueiras, S. S. (Entrevista pessoal, 07 de agosto de 2023).
- Nascimento, A. R. S. (Entrevista pessoal, 28 de outubro de 2023).
- Nascimento, M. L. (Entrevista pessoal, 20 de abril de 2022).
- Rina, D. (Entrevista pessoal, 28 de outubro de 2023).
- Santos, F. J. L. (conhecido como Preto, entrevista pessoal, 28 de outubro de 2023).

Notas

- 1 Entrevista pessoal realizada com Manoel Leandro do Nascimento, em 20 de abril de 2022. Manoel Leandro Nascimento é morador da Comunidade e, também, coordenador da Cáritas Diocesana do Crato.
- 2 Chico Gomes foi o primeiro prefeito da cidade do Crato, e segundo relatos o primeiro herdeiro, após as sesmarias, das terras dentro das quais está a localidade.
- 3 O Geopark Araripe foi o primeiro do Brasil e da América Latina, constituindo-se um território que reúne a geoconservação com desenvolvimento econômico-sustentável das populações que o habitam.
- 4 Foi em 1740 que foram aldeados no vale sul cearense da Chapada do Araripe os grupos humanos pertencentes à família tronco-linguística “Kariri”. O aldeamento recebeu o nome de Missão do Miranda. Os citados representantes do referido grupo compreendiam 97 grupos destacados das tribos dos Quixeréu, Curianense, Calabaça, Icó, Jucá e Cariú, tendo esses últimos concorrido como elemento primaz (aos que se juntaram os demais antes de 1749) e, quantitativamente, predominavam em relação aos outros. O aldeamento foi uma ilha pré-histórica na paisagem histórica, apenas aflorante, do vale do Batateira (Araújo, 1971, p. 96-97).
- 5 O nome Uruongo significa berimbau. Em 2007, o grupo passa a integrar o **Fórum Araripense de Prevenção e Combate à Desertificação**. Em 2009, o Grupo Uruongo é premiado pelo Ministério da Cultura com o prêmio Culturas Populares (Plano de Ações Comunitárias, Comunidade Chico Gomes, Crato, 2018, p. 2).
- 6 Projeto de Desenvolvimento Solidário, Sustentável e Territorial: Educação contextualizada, energia solar e agroecologia: capacitando jovens, promovendo a vida e conservando o meio ambiente em comunidades da Diocese de Crato (Projeto Solar, 2012, p. 3).
- 7 Nesse momento da redação, a opção em usar os verbos na 3ª pessoa do plural se deve em função de um dos momentos de pesquisa de campo, partilhado com o supervisor dessa pesquisa e da supervisora da Cáritas Diocesana de Crato, Solange Santana.
- 8 Maria Leandro do Nascimento, 76 anos, Meizinheira e moradora da Comunidade, faz parte do Grupo de Mulheres Meizinheiras.
- 9 Francisco José Leandro Santos, 56 anos de idade, professor aposentado; filho de Dona Rina. Morador da Comunidade Chico Gomes.
- 10 A Chapada do Araripe cobre uma superfície com aproximadamente 180 km de comprimentos (na direção leste, oeste) e largura variável entre 30 e 50km. Compreendendo o extremo sul Ceará, noroeste de Pernambuco e leste do Estado do Piauí (Moreira, 2019, p. 34).
- 11 O Projeto Bioágua resultou do Termo de Cooperação Técnica e Financeira, celebrado através do contrato de Projeto nº 233-907-1033 ZG pela Cáritas Brasileira Regional, Ceará e Katholische Zentraistelle für Entwickleegshilfe V, em cumprimento Projeto Trienal: Rede de Comunidades Cáritas, ampliando a resistências, fortalecendo a incidência no Ceará de 2019 a 2012. Muito embora o Projeto Bioágua apareça nesse momento da redação, é importante dizer que foi um projeto realizado posteriormente aos demais.
- 12 Essa equipe foi composta por Cicero Silva Chagas, Helenildo de Oliveira Francelino, Solange Filgueiras Santana e Verônica Neuma das Neves Carvalho.
- 13 Comunidade Jenipapo: Localizada a aproximadamente 12 km da sede do Crato-CE, a comunidade é composta por aproximadamente 150 famílias que desenvolvem atividades agrícolas como plantio de feijão, milho e macaxeira além de fava e andu. Também conhecida como a comunidade dos artesãos, é organizada coletivamente na associação local que também abriga a Casa de Sementes São José, com 30 sócios/as. Dispõem de água de qualidade, pequenas áreas de terra e alguns serviços públicos básicos. A sustentabilidade do grupo se dá pela produção de subsistência e comercialização do excedente. A comunidade preserva as sementes crioulas, evitando ao máximo o uso de sementes híbridas, este já é um retrato do acompanhamento realizado pela Cáritas que vem mostrando a importância da manutenção da diversidade biológica local (Projeto Meizinheiras do Pé de Serra, 2012, p. 6).
- 14 Comunidade Batateiras: Localizada na zona urbana, a comunidade de Batateiras abriga um dos bolsões de pobreza e marginalidade da cidade. Beneficiada com a implantação de serviços públicos, como creches, escola, posto de saúde, biblioteca, água e energia elétrica, porém não conta com rede de saneamento básico e as moradias, em sua maioria, são precárias (Projeto Meizinheiras do Pé de Serra, 2012-2014, p. 7).
- 15 Importante registrar que a Mandala é apresentada como uma das peças que compõem parte do Projeto Solaris.
- 16 Gostaria de registrar que, do grupo de mulheres Meizinheiras, apenas Dona Rina vem representando e dando continuidade aos trabalhos das Meizinheiras, visto que Dona Iracy faleceu e Dona Peinha encontra-se enferma em função de um AVC. Constatação que fizemos em visita à casa de dona Peinha, quando nos foi apresentado ao quadro de saúde D. Peinha por sua filha, Aparecida, que naquele momento nos dizia que iria representar a sua mãe no grupo das Mulheres Meizinheiras.
- 17 Esse termo é utilizado pela pesquisadora Bruna Xavier Araújo, onde explica que a sua proposta é “analisar as práticas populares de saúde através das experiências de apropriação, manipulação e uso de plantas medicinais do grupo Meizinheiras do Pé da Serra, localizado no município do Crato, estado do Ceará” (2016, p. 22). Neste texto, utiliza-se o termo plantas medicinais, assinalando a importância dessa expressão tanto para o uso popular quanto para o saber científico. Plantas medicinais é um termo de fácil compreensão, popularmente difundido, tornando-se entendível no contexto acadêmico e em outros espaços.